

A



**REVO
OÇÃO
PROSÉTICA**

MANIFESTA

CARLOS OLIVEIRA SANTOS

*a epimerdia puétika luza pé de tratamen tu.
eys so loção*



Colho, à sorte, o cerne do actual conservadorismo poético. Na revista *The Dark Horse* (que o poeta Gerry Cambridge começou a editar em 1995, lá para o Ayrshire escocês), Peter Dale, um reformado editor da notória revista *Agenda*, publicou, dois anos depois, «The State of Modernism» em que ressuscita a memória daqueles que, nos arrabaldes da segunda grande guerra, sustentavam que «there might still be life... in the old rhythms and a route to develop that might avoid the excesses of fully-fledged modernism.». Compreenda-se: os excessos de modernismo dos Elliot ou Pound (que foi, aliás, fundador da *Agenda*, com William Cookson, em 1959); tipos, segundo Dale, definitivamente infetados por «personality, difficulty and arrogance in the extreme».

E continua: que o século XX precisava de novas bases rítmicas para a poesia, considera-o ele «clearly spurious». O que se impõe é «a confiança que derivava do velho contrato entre o poeta e os velhos princípios formais». Sim, porque, Dale *finished*, «poetry does not derive from -isms».

SO

no –isms! for Peter

[breve paragem para digerir aquel«a confiança
que derivava do velho contrato entre o poeta e
os velhos princípios formais»
e só uns breves Ah, Ah, Ah! Ah, Ah, Ah!]

Em 2003, o poeta e crítico James Aitchison veio, também em *The Dark Horse*, com o seu «Obscurity in Poetry». Aqui, a coisa ainda é mais clara, com o poeta a ser definido, por dever e obrigação, imagine-se, como «a servant of order rather than chaos, of completeness rather than fragmentation, and of coherence rather than obscurity».

«Uma grande aberração da poesia do século XX», dizia Aitchison, «foi a de alguns poetas acreditarem, ou pretenderem acreditar que a poesia deve ser caótica, fragmentária e incoerente por forma a refletir as condições da vida moderna.»

haveis lido bem:

~~foi a de alguns poetas acreditarem,
ou pretenderem acreditar que a poesia deve ser
caótica, fragmentária e incoerente por forma a
refletir estas condições da vida moderna~~
é uma **ABERRAÇÃO???!!!**

Aqui chegados
Alto lá! O quê?! O quê?!

resumamos:



a grande aventura prosética

todos os que
recusaram o estabelecido,
assumiram o indizível,
ousaram o invisível!
subverteram formas e conceitos

os da

proesia

caótica, fragmentária e incoerente

audaz

os **Cesário Verde**. **Ângelo de Lima**.
Álvaro de Campos. **Mário de Sá-Carneiro**.
Almada. **António Maria Lisboa**.
Mário Cesariny. **Pedro Oom**.
Mário-Henrique Leiria. **Alexandre O'Neill**.
Luiz Pacheco. **António Ramos Rosa**.
Herberto Helder. **Ernesto De Sousa**.
E. M. de Melo e Castro.
António Aragão. **Salette Tavares**.
Ana Hatherly. **José-Alberto Marques**.
Silvestre Pestana. **Liberto Cruz**.
Feliciano de Mira. **Alberto Pimenta**.
Fernando Aguiar. **Miguel Azguime...**

e os **Ruben A. Nuno Bragança**.
Maria Velho da Costa. **Maria Gabriela Llansol**.
António Lobo Antunes. **Alface / Manuel Silva**
Ramos. **Alberto Velho Nogueira...**

aberrantes e
submetidos a servos da ordem
???

sem esquecer que, a rematar, o Aitchison
 (como não podia deixar de ser)
 ainda disparava um *pogrom* contra

«

toying with

syntax

and

punctuation,

line

and stanza

»

[tradução: não tocar na pilinha e no pipi da poesia]



em sum a úma

**«uma tremenda força reaccionária
cobre de noite a Poesia.»**

Ernesto Sampaio

Portugal ,

Muito depois do pós-guerra, mas muito antes de actuais abencerragens como aquelas, no seu «Alguns aspectos dos últimos anos», 1981, Joaquim Manuel Magalhães deu, por cá, o tom maior do que seria algo do tipo, com o seu «afastamento da noção de, antes de mais, o poema ter que valer como espaço conceptual», rejeição «duma hipótese poética que surgisse preocupada com o poema enquanto objecto verbal», recusa de qualquer «desorganização do tecido sintáctico do poema», rumo, sim, ao «explicitamente emocional», ao «esforço de afirmação do sentimento de si e do mundo», de «toldadas experiências íntimas»...

Este chamado «regresso à vida» criou, desde então, um dominante e monocórdico tom na poesia portuguesa, que tem desaguado até hoje.

Qualquer arrobo de experimentalismo poético levava com atestado de óbito que (o estreito de) Magalhães lhe carimbava ou era simplesmente calado, remetido ao silêncio pela indústriazinha dita cultural.

desgraça.



Teve Sena, já no seu «Rainer Maria Rilke, post-simbolista», de 1967, mas sobretudo em «Sobre o Modernismo», de 1978, a perspicácia de traçar uma geografia poética do século XX que divisava duas grandes vertentes essenciais. Disse:

«uns vieram da atmosfera simbolista para uma visão estética pessoal, que a transcende, enquanto outros dela passaram ao vanguardismo; outros ainda, ficaram sempre com o pé em ambos os lugares; e outros foi só no vanguardismo que se realizaram plenamente. É por isso que a distinção entre *post-simbolismo* e *vanguardismo*, um e outro não movimentos, mas características gerais de tendências de uma época que é uso chamar modernista, se impõe cada vez mais, não por uma mania classificatória, mas para que, na confusão com metástases simbolistas, se não diluam quer o impacto da revolução estética que o vanguardismo foi, quer o significado do que os grandes post-simbolistas fizeram.»

Leia-se **post-simbolismo** como uma certa continuidade verbal deste, sujeitando-se a fraseados tradicionais (do agrado dos Dale/Aitchison/Magalhães), embora, por vezes, com fenomenologias mais complexas e diversificadas.

Leia-se **vanguardismo** como a instrumentalização da própria linguagem, a sua experimentação, por ruptura/destruição dos banais códigos comunicacionais. Dito de outro e de mais recente modo, é o que Alberto Velho Nogueira – esse singular e decisivo eremita que atravessou o desértico caminho destas décadas, tão alheio aos seus fedores – referiu;

«age fora dos princípios da “linguagem de contrato”, e funciona como uma abertura – destruindo, reconstruindo, des-construindo... – e que conterà uma mais autónoma crítica do social e dos códigos que gerem não só o social mas os cérebros»...

«É neste sentido que uma obra ficcional funciona de modo autónomo se se encontrar nela uma função de desacordo – não de acordo – com as regras e princípios administrativos que até agora e ainda hoje governam uma sociedade...» (*Ensaio 2*, 2019)

Sublinhe-se:

busca de autonomia para os cérebros
base de qualquer criação

**destruidora reconstrutora,
desconstrutora**

(ou, se quiserdes, **vanguardista**).

O importante em Sena era a permanência daquela tensão entre post-simbolismo e vanguardismo, ambos componentes do modernismo, entre as quais inúmeros criadores, inclusive, saltitaram, nos melhores casos, à maneira das vozes comunicantes de Herberto Helder.

A questão é que essa tensão, que tanto enriqueceu a criação do século XX, foi empobrecida, nas décadas recentes, pela anulação de vanguardismos, pelo abandono e estrangulamento das suas desnormas, abandono e estrangulamento mais ou menos impostos pelo «regresso à vidinha», mas seguramente pela chamada indústria cultural que tão bem a foi embalando.

[parêntese] perante essa dita indústria, são bem-vindos uns recentes «raivosos» como Diogo Vaz Pinto ou João Pedro George, guerrilheiros por dentro das nesgas do tasco, bombardeando, como podem negociatas, clientelagens, castracionismos reinantes, fustigando-os de peito aberto, enquanto lêem e treslêem, com a aspiração de não estarem a carimbar o carimbado, a vender o gasto, a enfeitar múmias...

(releia-se um pai-filho-da-mãe
da melhor teoria poética em português:



A. M. Lisboa:

**« a crítica é a forma da nossa permanência
criticar é a nossa função positiva »**

uma literatura sem crítica não é literatura,
é lápide.

por isso, o comércio e as múmias
tanto se afincam em estrangulá-la.

bem-vindos, pois, os raivosos!

raiva

é denúncia, escarro,
monte de esterco atirado
mesmo sem saber se se acerta
em algo ou alguém.

raiva, contudo, não chega, não.
é, a seu modo, um rebaixamento à lama.

o que aquilo tudo,
balofas sumidades, potências pardas,
editores canalhas, trocos no bolso do poder,
etc, etc, etc, etc, etc, etc, etc,

merece é

desprezo, desprezo, desprezo.



prezarmos, prezarmos, prezarmos,

isso sim, o cheiro a pólvora que ascende do
campo onde se catam novas abordagens, onde
se revolvem as linguagens num estertor, se
contorcem palavras dentro de palavras, letras
contra letras, formas sem forma, nem reforma;

sobretudo hoje, em que as linguagens,
mesmo sem criadores, já se revolvem
caoticamente, a elas próprias, pernas abertas, à
beira do caminho, para serem esventradas à
vontade, rabos alçados à espreita de esgarça,
cavando constantemente as tumbas do que
sobre elas se vai estatuindo.

Por tudo isto, se deve proclamar –
e isso aqui fica

pro pro pro

clamado que é necessário, absolutamente necessário, necessário absolutamente, uma, muitas, várias novas vagas de vanguardismo, de experimentalismo, de rupturas, destruição, reconstrução, desconstrução – chame-se o que se quiser – na

proesia protuguesa

com **criadores**

prontos a bem passar sem serem
vendidos
comprados

lidos;
nunca;
impossível;

a bem passarem sem
recensões jornaleras
concursos
prémios

ignoradas;
con como?;
quê?:

prontos, sempre prontos,
ou melhor, desejosos da

derrota irrevogável

mas sobrar-te-á a certeza (sobrará?)
de por aqui teres passado com alguma

VIDA
VIDA

, a tua ,

sem te atascares em «regressos» a uma

**e a notícia da tua morte será
manifestamente um exagero**



dégonfler . dégonfler . dégonfler . dégonfler
 dégonfler . dégonfler . dégonfler . dégonfler
 dégonfler . dégonfler . dégonfler . dégonfler



[claro que tudo isto não dispensa um certo

riso, ri, ri, ri, riso

à Cesariny, Pacheco, O'Neill, Mário-Henrique,
 Natália, Dinis Machado, Adília Lopes, Carlos
 Mota de Oliveira...

sempre **profilático** sempre.

até porque o próprio Joaquim Manuel
 Magalhães lá confessa que «a poesia não é
 uma normatividade» (*Rima Pobre*, 1999) e,
 por ela e por tal, «os códigos combativos...
 acabam depressa por ser apenas o pasto
 dos seus historiadores e até dos seus
 teóricos»]

oxalá.

[[[nós somos a negação e a negação da negação]]]

A



REVO OÇÃO PROSÉTICA

MANIFESTA

Original criado em 2025.
Esta impressão foi feita em Março de 2026,
na Europress, Lisboa.
© Carlos Oliveira Santos
costerra1953@gmail.com